



FOLHA DOMINICAL

DOMINGO XXVIII DO TEMPO COMUM

Primeira Leitura (Is 25, 6-10a)

Sobre este monte, o Senhor do Universo há de preparar para todos os povos um banquete de manjares suculentos, um banquete de vinhos deliciosos: comida de boa gordura, vinhos puríssimos. Sobre este monte, há de tirar o véu que cobria todos os povos, o pano que envolvia todas as nações; destruirá a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces e fará desaparecer da terra inteira o opróbrio que pesa sobre o seu povo. Porque o Senhor falou. Dir-se-á naquele dia: «Eis o nosso Deus, de quem esperávamos a salvação; é o Senhor, em quem pusemos a nossa confiança. Alegremo-nos e rejubilemos, porque nos salvou. A mão do Senhor pousará sobre este monte».

A imagem de um grande banquete, preparado por Deus para todos os povos, constitui uma das mais belas expressões da esperança presente no livro de Isaías. Inserido num conjunto de textos que anunciam a intervenção definitiva de Deus na história, este anúncio apresenta uma visão profundamente esperançosa da salvação. Na tradição bíblica, o banquete simboliza a comunhão, a abundância e a proximidade entre Deus e o seu povo. Contudo, a novidade desta profecia reside no seu caráter universal: todos os povos são convidados a participar, ultrapassando as divisões que marcam a humanidade. O profeta descreve ainda a eliminação da morte, do sofrimento e da vergonha, expressando a promessa de uma vida plenamente reconciliada com Deus. A imagem do Senhor que enxuga as lágrimas revela a ternura de um Deus atento à fragilidade humana. Esta profecia alimenta a esperança messiânica e encontra um novo significado em Jesus Cristo, que inaugura o Reino de Deus e oferece a salvação a toda a humanidade.

Segunda Leitura (Filip 4, 12-14.19-20)

Irmãos: Sei viver na pobreza e sei viver na abundância. Em todo o tempo e em todas as circunstâncias, tenho aprendido a ter fartura e a passar fome, a viver desfagadamente e a padecer necessidade. Tudo posso n'Aquele que me conforta. No entanto, fizestes bem em tomar parte na minha aflição. O meu Deus proverá com abundância a todas as vossas necessidades, segundo a sua riqueza e magnificência, em Cristo Jesus. Glória a Deus, nosso Pai, pelos séculos dos séculos. Amen.

A confiança inabalável em Cristo, mesmo perante as adversidades, é um dos grandes testemunhos que São Paulo deixa à comunidade cristã de Filipos. Escrevendo durante um período de prisão, o apóstolo dirige-se a uma comunidade com a qual mantinha uma relação particularmente próxima e que o apoiava material e espiritualmente nas dificuldades da sua missão. Paulo agradece a generosidade dos filipenses, mas aproveita para testemunhar a liberdade interior que encontrou em Cristo. Ao afirmar que sabe viver tanto na abundância como na pobreza, demonstra que a sua segurança não depende das circunstâncias

materiais, mas da confiança naquele que lhe concede força. A expressão «Tudo posso n'Aquele que me conforta» não significa ausência de dificuldades, mas a capacidade de as enfrentar sustentado pela graça de Deus. Simultaneamente, Paulo valoriza a solidariedade da comunidade, reconhecendo nela uma manifestação concreta da fé e da comunhão cristã. A partilha dos bens torna-se, assim, expressão do Evangelho vivido, recordando que a verdadeira riqueza nasce da confiança em Deus e da atenção às necessidades dos outros.

Evangelho (Mt 22, 1-14)

Naquele tempo, Jesus dirigiu-Se de novo aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo e, falando em parábolas, disse-lhes: «O reino dos Céus pode comparar-se a um rei que preparou um banquete nupcial para o seu filho. Mandou os servos chamar os convidados para as bodas, mas eles não quiseram vir. Mandou ainda outros servos, ordenando-lhes: 'Dizei aos convidados: Preparei o meu banquete, os bois e os cevados foram abatidos, tudo está pronto. Vinde às bodas'. Mas eles, sem fazerem caso, foram um para o seu campo e outro para o seu negócio; os outros apoderaram-se dos servos, trataram-nos mal e mataram-nos. O rei ficou muito indignado e enviou os seus exércitos, que acabaram com aqueles assassinos e incendiaram a cidade. Disse então aos servos: 'O banquete está pronto, mas os convidados não eram dignos. Ide às encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas todos os que encontrardes'. Então os servos, saindo pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, maus e bons. E a sala do banquete encheu-se de convidados. O rei, quando entrou para ver os convidados, viu um homem que não estava vestido com o traje nupcial e disse-lhe: 'Amigo, como entraste aqui sem o traje nupcial?'. Mas ele ficou calado. O rei disse então aos servos: 'Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o às trevas exteriores; aí haverá choro e ranger de dentes'. Na verdade, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos».

Através da imagem de um banquete nupcial, Jesus apresenta o Reino dos Céus como um convite generoso de Deus à comunhão e à alegria. Esta parábola é proclamada num contexto de crescente confronto entre Jesus e as autoridades religiosas de Jerusalém, nos últimos dias da sua vida pública. O ensinamento denuncia a atitude daqueles que, apesar de conhecerem as promessas de Deus, se recusam a acolher o seu projeto de salvação. O rei representa Deus, que prepara uma festa para celebrar as núpcias do seu Filho. A recusa dos primeiros convidados revela a resistência humana perante a iniciativa divina, frequentemente motivada pela indiferença, pelos interesses pessoais ou pela autossuficiência. Perante essa rejeição, o rei manda convidar todos os que se encontram pelos caminhos, bons e maus. Esta abertura manifesta a universalidade da salvação: ninguém está antecipadamente excluído do amor de Deus. Contudo, a referência ao convidado sem traje nupcial introduz uma exigência fundamental. Aceitar o convite não basta; é necessário assumir uma vida transformada, coerente com os valores do Reino. O traje simboliza, assim, a resposta concreta à graça recebida. A parábola apresenta um Deus generoso e acolhedor, mas recorda que a participação no seu Reino exige conversão, compromisso e disponibilidade para viver segundo o Evangelho.

Deus nas letras humanas

A Presença Mais Pura

Tudo o que se reparte
ganha uma presença mais pura.
Não apenas o pão,
mas o próprio mistério do espaço,
com as suas cadeiras vazias
e as suas mesas de madeira,
onde os homens se sentam
para inventar a comunhão.
Há uma verdade que só a hospitalidade conhece,
uma claridade que desce sobre as coisas
quando nos tornamos,
pelo menos por uma hora,
os servos da alegria de alguém.
E compreendemos então que a vida
não é um património que se defenda,
mas uma mesa que se estende,
um convite que se renova,
uma festa onde o último a chegar
é recebido com o mesmo amor.

José Tolentino de Mendonça

Avisos Paroquiais | 11 a 18 de Outubro

11 | XVIII Domingo Comum

12 | Reunião com a Equipa de Comunicação | 21:30

14 | Reunião com os moderadores da catequese e recomeço com os catequistas |
21:30

15 | Reunião com o Conselho Económico | 21:30

16 | Encontro com os pais do Primeiro Ciclo | 21:30

17 | Encontro da Pastoral Juvenil - Odisseias Cristãs

19:00 | Eucaristia, seguido de jantar partilhado e visionamento do filme “A Odisseia”

18 | XXIX Domingo Comum | Dia Mundial das Missões - Ofertório das eucaristias reverte a favor das missões

Amigos da Capela de Santa Maria Maior. Muitos são os que confessam publicamente e manifestam um carinho pela capela de Santa Maria Maior. Vimos por este meio divulgar uma angariação de fundos para as obras de recuperação da capela com o Certificado Amigo da Capela de Santa Maria Maior ou então pela aquisição de rifas.

Inscrições para todos os que desejam **aprofundar a sua fé** ou receber algum dos **sacramentos de iniciação**, Terças e quartas de tarde ou aos sábados de manhã.

Versões do Sínodo Diocesano

5. Qual o método usado nos encontros sinodais?

O método usado a Conversão no Espírito. Trata-se de uma forma de diálogo feita em clima de oração, silêncio e escuta, para procurar em conjunto a vontade de Deus. Normalmente acontece em pequenos grupos e em três momentos principais. Primeiro, cada pessoa partilha, sem interrupções nem debate, o fruto da sua oração e reflexo pessoal. Depois, cada participante diz o que mais o tocou na escuta dos

outros, procurando reconhecer os sinais do Espírito Santo. Por fim, o grupo dialoga para identificar pontos de convergência e formular propostas concretas.

6. Qual o objetivo de um Sínodo diocesano?

A sinodalidade tem uma finalidade missionária: ajudar a Diocese a discernir os caminhos pastorais mais adequados para responder aos desafios de hoje à luz do Evangelho. O Sínodo quer escutar a realidade concreta das comunidades e refletir sobre temas como a família, os jovens, a diminuição do clero e a presença da Igreja no mundo digital. A partir desse caminho, serão preparadas orientações para ajudar a definir as prioridades pastorais da Diocese nos anos seguintes.